



O corpo feminino como veículo folkcomunicação na Marcha das Vadias em João Pessoa –PB

Suely MAUX¹
Ysabelly N. N. MORAIS²

RESUMO

Evento mundial, a Marcha das Vadias entrou no calendário de eventos da cidade de João Pessoa-PB. É uma manifestação aberta, mas com propósitos claros, que abrange homens, crianças e principalmente mulheres de todas as idades. O corpo, neste trabalho, é visto enquanto um veículo folkcomunicação, onde a mulher marca presença como uma ativista utilizando seu corpo como informação.

PALAVRAS-CHAVES: Folkcomunicação, Gênero, Marcha das Vadias.

¹ Professora Associada I, Decom, CCTA- Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Comunicação e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora da Rede Brasileira de Folkcomunicação. (maux62@ymail.com).

² Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social, habilitação Rádio e TV (ysabellymoraes@gmail.com).



1 Introdução

Perante o forte uso do corpo da mulher no movimento feminista conhecido por Marcha das Vadias, o texto tem objetivo de analisá-lo como o grande instrumento de comunicação dentro da marcha em João Pessoa. Será verificado o corpo enquanto veículo folkcomunicação, enquanto meio primitivo e alternativo de se dizer e reivindicar algo a alguém. Neste artigo, o intuito é observar como o que era alvo de ataques e violações se transforma, dentro do movimento, no principal fio condutor e divulgador de um acervo de reclamações, declarações e petições de um grupo social marginalizado, que através de métodos secundários e rudimentares de se comunicar vai à busca de conquistar seu espaço.

Pensar na mulher de tempos atrás é enxergá-la como ser desprovido de espaço para divulgar suas ideias e exercer suas vontades no âmbito social. Devido a questões culturais muito arraigadas no pensamento machista, em que o sexo masculino é sobreposto ao feminino, a voz feminina nunca foi de fato ouvida e a mulher foi tratada, durante muito tempo, como indivíduo que carregava consigo o dever de cuidar do lar e dos filhos, ainda que sua vontade passasse longe disso. A mulher era abordada enquanto corpo, e apenas corpo, despojado de autonomia para exercer atividades estimuladas única e exclusivamente por interesses seus, uma espécie de ser que só funciona em detrimento de outro, para satisfação, nos mais variados aspectos, de terceiros.

Em um processo denso e demorado, esse cenário começou a se modificar e os avanços nos meios de comunicação contribuíram para construção da nova realidade. Através de manifestações populares, de meios mais tradicionais de se comunicar, a política de resistência ganhou espaço não só nas ruas, mas também em meios de comunicação massivos institucionalizados, saindo do local para o global. A expressão da mulher que luta pelos direitos, que tem vontade própria, que não quer ser submissa/dependente do homem e principalmente a mulher que não aceita ser vista e



tratada enquanto corpo carente de liberdade e poder de decisão sobre si mesma se fortaleceu e se expandiu, atravessando fronteiras num processo de hibridização cultural.

Hoje, a figura feminina conquistou certa autonomia, apesar de preconceitos ainda se fazerem presentes. Ela encara problemas antigos através de passeatas, campanhas e outros tipos de manifestos. Nesse momento, se solidifica a presença do ativista folk, que tem a intenção de provocar transformações na sociedade, quase sempre defendendo ideias, pensamentos e valores de um grupo ao qual pertence e resistir àquilo que oprime sua realidade.

Uma grande luta travada pelas mulheres é o combate à violência contra a classe. Tidas como sexo frágil, as mulheres são frequentemente agredidas, espancadas, abusadas sexualmente e muitas vezes assassinadas. Num ato de resistência, elas levantam a bandeira, vão às ruas, reivindicam seu direito de liberdade e preservação de sua integridade física. O ativista midiático folk toma a frente de eventos como esses, ele cria situações, organiza ambientes e discursos para circulação de seus interesses (de grupo) com intuítos revolucionários e transformadores. O grupo marginalizado encontra outros veículos e formas de se comunicar para que então sua voz seja ouvida, sua liberdade e cidadania respeitadas e seu espaço consolidado. Exemplo disso é a Marcha das Vadias, levante feminista que combate a violência contra mulher. No movimento, ela é o próprio ativista e o corpo feminino, o principal veículo de propagação de uma mensagem.

Na maioria das vezes, a causa da agressão é um fim de relacionamento, o ciúme exagerado e, por trás de tudo isso, o sentimento de posse que o homem tem sobre o sexo feminino.

O direito de dizer “não” e de dizer “sim” foi por muitos e muitos anos negado às mulheres. Mulheres que não podiam dizer “não” aos seus pais ou maridos, mulheres que não podiam dizer “sim” às suas vontades, mulheres que nunca tiveram a autoridade de agir por conta própria e sempre tiveram sua jurisdição massacrada por um pensamento



dominante. Desse modo, o corpo feminino é visto como ente dependente e corpo escravizado, que não responde por si.

No ato de nascer, os seres humanos já têm papéis predefinidos e estes assim foram estabelecidos a partir do pensamento de sobreposição do ser masculino sobre o ser feminino. Ainda hoje, em sua maioria, a mulher cuida da casa, dos filhos, não tem liberdade sexual e para concretização do ato só o pode fazer quando solicitada for, caracterizando-se dessa forma como objeto de satisfação masculina. Colocada sempre em posição de passividade, a mulher nasce com estereótipo ao qual deve se encaixar.

Ao corpo feminino foram agregadas características que interrompem a independência do ser mulher e o coloca em situação de administrado. Se há um papel para a mulher, é certo que também há para o homem: ele é durão, ela é frágil; ele decide, ela acata. São essas e tantas outras máscaras e vestes, partes de um estoque volumoso e diferenciado pelo gênero, que os indivíduos vestem socialmente. São elas as responsáveis por atos perversos de desrespeito aos anseios individuais, que na prática pouco se constroem pelo sexo.

Diante do tamanho descaso social ao pertencimento de si mesma, a mulher sempre ocupou situação de risco, vulnerável aos quereres de terceiros, a mercê de desejos que invadiam sua privacidade e seu direito de ser livre. O nível de desrespeito ao entorno feminino nunca teve limites, ao ponto de mulheres terem suas intimidades mais profundas violadas e ainda serem responsabilizadas pelo abuso. Quantas vezes mulheres não foram agredidas fisicamente e culpadas por isso? Quantas não foram abusadas sexualmente e o ato foi justificado na natureza do homem, na roupa provocante da mulher, no decote, na calça apertada, no “não” que significava “sim”? No ato de se libertar, de quebrar as correntes que a aprisionam a uma vida em que ela é reprimida por regras e rédeas, a figura feminina rompe com tabus, mas “paga um preço”, que não deveria ser pago, uma vez que a igualdade e a liberdade são gratuitas, e não compradas. No exercício de seu livre-arbítrio, elas sofrem condenações, agressões e preconceitos dos mais diversos. A mulher que não aceita a configuração patriarcal sistemática, pertinente a uma gigantesca parcela das civilizações do globo terrestre, e



assume a posição de proprietária do corpo que tem, não é bem aceita na sociedade de valores machistas.

Uma vez parte de uma minoria dentro de uma cultura patriarcal, a mulher é ser diminuído, com convicções particulares que pouco podem ser externadas, e o pouco que hoje podem foi conquistado a duras penas. Claro que na idade contemporânea, sua voz pode ser ouvida, mas em baixo tom, já que a voz que fala mais alto ainda é a do homem. Se hoje a mulher pode votar, trabalhar fora de casa, escolher o próprio parceiro, ou mesmo parceira, se hoje ela pode assumir o controle do seu corpo, isso é resultado de uma luta, mas de uma luta que ainda exige várias batalhas. Por mais que ela tenha adquirido direitos, os quais sempre foram delas, mas sempre destituídos, ainda existem políticas e ideologias machistas por trás dos “privilégios” legitimados. A relação e o cenário social onde vivem homens e mulheres não são horizontais. Se os benefícios que a classe tem são reflexo de luta, é porque obviamente houve resistência: resistência masculina contra a igualdade feminina e resistência feminina contra a civilização onde mulheres são tratadas como propriedade. Ora elas são as mulheres dos maridos, ora elas são as mulheres da casa. Sim, mulheres da casa, pois a casa as tem, no entanto elas não têm a casa. E quando elas serão as mulheres de si mesmas? Quando elas ocuparão um espaço pelo simples fato de ali querer estar, ao invés de serem coagidas a isso, ainda que por pressão religiosa, cultural e/ou psicológica?

O corpo feminino é objeto de cobiça, de desejo, atrai olhares e por isso é frequentemente desrespeitado. Não, não é por isso que o corpo é acometido por inúmeros atos abusivos. Isso é o argumento embasado em teorias de diminuição da mulher que assim justificam ações de abuso sexual contra mulheres. Segundo a cultura do estupro, o que explica a violência sexual são as poucas roupas, o comportamento da mulher. Ao invés de combater o abuso sexual com “homem, não estupe”, se combate o ato com “mulheres, não se deixem estuprar”. Há uma inversão de culpa. A imagem da mulher era, e ainda é atrelada a “algo para/de alguém”, quase sempre tendo o homem como dono, ainda que indiretamente: a mulher da casa, a mãe, a mulher do homem, a mulher dos homens, as mulheres do homem e por aí vai. Em contrapartida, o cenário vem mudando. Unidas, as mulheres vêm angariando forças para que jamais possam



intervir no direito que elas têm sobre seus corpos. Por meio de manifestações populares e canais de comunicação alternativa, a figura feminina assume um novo espaço.

2 Folkcomunicação e a Marcha das Vadias

A reflexão deste artigo está em consonância com o texto de Carvalho (2006, p. 111) quando ao refletir as ideias de Hohlfeldt (2002) afirma:

A folkcomunicação pode ser entendida como o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se socializam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada, ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Nesse contexto, pode-se dizer que as mulheres e o movimento da Marcha das Vadias insere-se no campo de estudos folkcomunicacionais. No manifesto popular de combate à violência contra a mulher, o corpo é o veículo folkcomunicacional de divulgação de um pedido, uma exigência: o respeito à figura feminina no tocante a sua integridade física e seus direitos de escolha, que lhes conferem a liberdade de se relacionar com quem desejar, sendo elas donas de seus corpos. A marcha é anti-machista e absolutamente adversa à cultura de estupro, o que é bem justificado nas razões de sua origem. O nome do evento surgiu em crítica à declaração de um policial canadense. Numa palestra, realizada em uma universidade do Canadá, o homem da lei culpou as vestes das mulheres vítimas de abuso sexual pelo ato violento cometido, denominando a conduta destas como conduta de vadia. O episódio ocorreu em abril de 2011 e serviu de estopim para desencadear uma série de manifestações pelo mundo todo, inclusive no Brasil, todas inspiradas na *Slut Walk*, primeira Marcha das Vadias no país e no mundo.



Foto 1 Primeira *Slut Walk*, em Toronto, Canadá, 2011



Foto: Reprodução

Indignadas com o depoimento do policial, que justificou ações de agressão e invasão à privacidade corpórea, universitárias e ativistas se juntaram em protesto. O intuito era expor a liberdade do corpo em contraposição à culpabilização da vítima, duramente protestada por elas. No movimento, as mulheres batalham pela punição do homem que bate, do homem que fere, do homem que mata e do homem que estupra, ao invés da responsabilização da vítima pelo abuso sofrido. Com objetivo de não mais ceder a vontades que não são suas e decididas a não mais calar quando a intenção for falar, as mulheres se uniram e mostraram a força e independência do corpo feminino, o qual pôde e pode se movimentar de forma livre e autônoma. O corpo saiu da condição de ser atacado e atacou a conjuntura social de submissão da mulher. Uma vez donas de si, as mulheres escolheram o próprio corpo como canal divulgador de suas pretensões e reclamações. Um ato de ousadia, perspicácia e crítica inteligente, pois elas mostraram ser donas daquele “objeto” que parecia estar no limbo à espera de um dono.

Corpo pintado, cheio de mensagens e símbolos, e muitas vezes pouco cobertos, é a maneira de dizer que o corpo é delas e que ninguém pode invadir seu direito de escolha. A grande característica do movimento é o livre arbítrio da anatomia psicobiológica da mulher, contrariando todas as maneiras de subordinação dessa estrutura, por isso a grande representatividade do corpo feminino no levante. O movimento, que teve início na cidade de Toronto, surgiu justamente com intuito de não permitir que a voz feminina fosse calada, mas que seu grito fosse ouvido, que seu corpo ganhasse vida



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO - FOLKCOM
“ARTE E CULTURA POPULAR PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NO CONTEXTO DA FOLKCOMUNICAÇÃO”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013.

e saísse da condição de administrado para administrador e grandes interrogações sociais que envolvem o contexto da mulher na sociedade fossem respondidas com ponto final.

Dentre os muitos países que aderiram o movimento, o Brasil é um deles. No país tropical, a primeira edição do manifesto aconteceu em junho de 2011, em São Paulo, tendo outras capitais também realizado a manifestação. No Brasil, o movimento ganhou sentido diante dos fortes antecedentes de violência doméstica. Casos como o da garota Eloá, sequestrada e morta em 2008 pelo ex-namorado, o da senhora Maria da Penha, hoje ativista no enfrentamento a violência contra a classe e paraplégica depois de várias tentativas de homicídio por parte do companheiro, foram grandes impulsionadores para realização do protesto. Casos de abuso sexual, como o estupro coletivo de Queimadas, na Paraíba em 2012, também estão entre os grandes e principais influenciadores da marcha no país, uma vez que o movimento luta pela emancipação do corpo feminino e combate a culpabilização, ainda que mascarada, da vítima em casos de estupro.

Embora o país tenha se engajado na causa em 2011, João Pessoa levou um ano para se organizar e, em 2012 (a edição de 2013 está marcada para o dia 20 de julho) ingressar no manifesto que atravessou fronteiras e quebrou barreiras culturais em continentes diversos. Numa região onde o conservadorismo, o clima e a tensão machistas são ainda maiores, o “movimento de mulheres com pouca roupa” gerou desconforto para os mais conservadores:



Foto 2 Marcha das Vadias em João Pessoa, 2012.



Foto: Reprodução

A exposição corporal feminina na Marcha das Vadias em João Pessoa é menor, se comparada à manifestação em seu lugar de origem e mesmo em outras capitais brasileiras, principalmente as da Região Sudeste. No entanto, ela é parte inerente ao movimento, o que reafirma a ideia da procedência da marcha. As pessoenses vão às ruas com roupas íntimas, seios descobertos e/ou pintados e agregam símbolos como faixas, cartazes e instrumentos musicais para acompanhamento de gritos e canções de protesto. Na capital, a manifestação é uma representação fiel do movimento de origem, com adaptações de caráter cultural e regional e o corpo feminino continua sendo um grande ícone e símbolo emblemático da marcha, o canal comunicativo de respaldo e impacto social. Seja com roupas rotuladas como provocativas, que jamais seriam indicadas para se sair na rua, seja com aquelas de “pouco pano” ou mesmo com a pequena presença delas na pele, as pessoenses ganham o centro da cidade em defesa da liberdade do corpo feminino e em combate a cultura de estupro.

2.1 O corpo e a folkcomunicação na marcha

Usar o próprio corpo para se expressar é um meio primitivo, artesanal, impactante e folk de se comunicar. É uma maneira simples de falar muito sem tantos



recursos. O método rudimentar gera impactância devido ao uso do corpo como veículo folkcomunicacional, e ganha espaço na mídia massiva, o que possibilita a expansão de um pensamento e a consequente proliferação cultural. Dessa forma, avanços tecnológicos e a constante busca de meios alternativos de comunicação contribuíram e contribuem para a emancipação feminina.

Frases fortes, de efeito e que batem de frente com uma sociedade conservadora e pouco igualitária, acostumada a ter como certo o que durante séculos lhe foi imposto, mesmo tendo isso gerado exclusão social de grupos diminuídos, tornam a Marcha das Vadias um movimento subversivo. O corpo é um grande veículo folkcomunicacional para divulgação de suas reivindicações. O que era objeto de agressão passa a ser objeto de petição e requerimento de direitos.

Num panorama de pouca representação social, a mulher teve de buscar meios alternativos de clamar pelo exercício de seus direitos e métodos secundários de falar algo a alguém. Com pouco rebuscamento tecnológico no meio de comunicar seus pedidos, elas primitivamente ganharam as ruas e utilizaram-se dos próprios corpos, antes dominados por terceiros, para inscrever seus pensamentos, vontades e exigências. Por trás de qualquer linguagem escrita em cartazes ou mesmo em suas formas, há ainda uma mensagem implícita: somos mulheres, somos livres, somos iguais a qualquer cidadão, somos donas do nosso corpo. É possível entender essa mensagem, que sequer precisaria estar escrita, através da ruptura de conduta feminina, em que o corpo é o veículo da mensagem. No movimento, ela lidera, ela protesta, ela tem voz, ela tem vez, ela faz, ela acontece, ela é dona do corpo que tem e de cada passo que este dá. Ela não precisa de comandos ou permissões, ela está ali porque quer, ela está ali por livre e espontânea vontade. A imagem da mulher que acata cede lugar para uma figura feminina ativa. Todas essas informações podem ser vistas em suas entranhas, nos seus próprios corpos. E como elas mesmas dizem, seja em cartazes, seja em inscrições corporais, “meu corpo, minhas regras”.

A “mulher vadia” bate de frente contra a visão puritana que à mulher é aferida, a mulher vadia é vadia pela simples razão de não anuir com as tarefas que lhes são



tradicionalmente confiadas, é vadia por não seguir o padrão de feminilidade imposto por diversas entidades e grupos sociais e religiosos. É vadia por assumir o cargo de donas de seus corpos. Para uma sociedade acostumada a lidar com terceiros respondendo pelas mulheres, acostumada a ter pessoas responsáveis pela “guarda” dessas mulheres, a ruptura soa brusca, no entanto é necessária. Com qualquer sinal de evasão ao “perfil feminino”, as atitudes da mulher são facilmente censuradas e julgadas de modo proibitivo. O impacto de ver várias mulheres reunidas gritando, se expondo, opinando, reivindicando, e principalmente: fazendo tudo isso de peito nu, exibindo o controle que elas exercem sobre seus corpos, choca e abala a sociedade patriarcal.

O corpo fala, o corpo diz. No momento que a mulher mostra autonomia corporal, decidindo sobre ele, fazendo com ele o que ela bem entende, ela está dizendo alguma coisa, está rogando por algo, está resistindo à política de imposição que diz que o corpo não lhe pertence e à sociedade que a culpa pela violação sexual sofrida. Ela está dialogando e comunicando à sociedade sua nova postura. Elas dizem não à culpabilização da vítima e não à submissão feminina, principais dizeres do manifesto, no ato de assumirem os rótulos que são conferidos a mulher que se torna dona de si mesma, que veste o que quer, que sai com quem quer, que faz sexo porque deseja, que faz o que gosta e não mais satisfaz às imposições de cunho machista e de submissão. Elas dizem algo a alguém através de um comportamento, de uma manifestação popular, de um emblema: dos seus próprios corpos, grandes canais de divulgação de suas mensagens.

Considerações

Na Marcha das Vadias, a comunicação acontece de modo simples e mais primitivo, sem auxílio de meios comunicacionais de massa. A presença dos meios institucionalizados só surge quando o movimento local ganha relevância e potencial informativo, quando alcança valor como algo que pode ser pautado e noticiado, o que de fato ocorreu/ocorre, mas somente depois de, através de meios alternativos de comunicação, a coletividade escanteada ganhar visibilidade. Gestos, textos não escritos e uma conduta como um todo representam formas de diálogos, maneiras de divulgação



de uma mensagem, pois carregam consigo sentidos cognitivos e pluralidade de significados. Deste modo, a figura do corpo feminino na Marcha das Vadias é o grande canal folkcomunicativo, o principal veículo folkcomunicacional do movimento. Nada melhor do que retirar do cárcere o objeto aprisionado e colocar ao ar livre para comunicar e provar a libertação do mesmo. Na manifestação, o próprio corpo feminino é porta-voz de sua emancipação: ele anda, diz, fala, e faz, e nessa conjuntura ele leva embutido consigo a mensagem: “Sou minha, só minha e não de quem quiser”, que muitas vezes é escrita em cartazes, pintada no corpo e reforçada por gritos coletivos.

Mulheres têm a moral acometida por não terem a liberdade de usar a roupa que querem. Na marcha, elas não só usam como também não usam. O corpo, a escolha da roupa ou da ausência dela, o comportamento, o jeito de falar, como o falar se desenrola, a conduta e o modo como se configura a imagem feminina dentro do protesto são representações concretas de uma mensagem que está sendo deixada, são expressões carregadas de textos e significados que realizam a comunicação dentro do movimento. Símbolos, desenhos, pinturas, indumentária e tantos outros meios primitivos e tradicionais de se comunicar, com destaque para o corpo da mulher e suas adjacências, respondem pelo processo comunicativo do levante Marcha das Vadias.

Num ato de agressão, é o corpo feminino o ofendido; num estupro, também. O corpo feminino está atrelado às mais distintas formas de violência contra a mulher, seja como causa, seja como consequência. Para alguns, a Marcha é vista como atentado ao pudor. Com os tabus criados em torno da conduta feminina, a mulher sempre teve um “manual” ensinando-lhe como se vestir, se portar, andar e falar. Na Marcha das Vadias, ela vira a mesa, assume a postura de “vadia” e grita para sociedade que ela, e somente ela, tem domínio de seu corpo, de sua vida profissional, particular, a dois, e nega as dinâmicas obsoletas de tratá-la, defendendo seus espaços enquanto ser humano e cidadã. Todas essas declarações, reclamações e reivindicações são comunicadas por intermédio da exibição e postura do corpo feminino na manifestação: o corpo que fala, que diz, que escolhe, que se pinta, que usa pouca roupa. No movimento, o corpo feminino é instrumento folkcomunicacional, meio alternativo de comunicação e veículo divulgador de uma nova ideologia, pertencente a um grupo por anos marginalizado.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In.: LOURO, Guacira Lopes et al. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação: Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis. (Org.). **Intelectuais**: Sociedade e política, Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: **A comunicação dos marginalizados**. Rio de Janeiro: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folkcomunicação no Contexto de Massa**. João Pessoa: UFPB, 2000.

BENJAMIN, Roberto E. C.; LUCENA FILHO, Severino Alves de. (Org.). **Agenda da Folkcomunicação**. João Pessoa: UFPB, 2000.

CARVALHO, Samantha Viana C.B.R. Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p.110-124.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO - FOLKCOM
**“ARTE E CULTURA POPULAR PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NO CONTEXTO DA FOLKCOMUNICAÇÃO”**
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013.